

Os testes projetivos em uma perspectiva não psicanalítica

Testes projetivos e teoria

Guenia Bunchaft

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Vanda Leite Pinto Vasconcellos

União Nacional de Analistas Transacionais

Abstract

The authors analyse the theoretical foundations of the projective tests, in particular of the Rorschach's test. In doing so, they take as a starting point the H. Rorschach's work, in which they point out the change of focus that has occurred from the emphasis in perception to the emphasis in projection.

Various approaches to the projective tests are described in terms of the idiographic-nomothetic axis. The authors reach two major conclusions: (1) the psychological mechanisms in the answers to the projective tests are perception, cognition and, of least importance, projection; (2) the Transactional Analysis is a theory of personality suitable for the interpretation of these instruments. Key words: projective test, projection, perception, Psychoanalysis, Transactional Analysis.

Resumo

As autoras analisam os fundamentos teóricos dos testes projetivos, particularmente o Psicodiagnóstico de Rorschach. Ao fazê-lo, elas tomam como ponto de partida a obra de H. Rorschach, onde assinalam a mudança do enfoque que ocorreu, da ênfase na percepção para a ênfase na projeção.

Várias abordagens aos testes projetivos são descritas em termos do eixo idiográfico-nomotético. As autoras chegam a duas conclusões principais: (1) os mecanismos psicológicos envolvidos nas respostas aos testes projetivos são a percepção, a cognição e, em menor grau, a projeção; (2) a Análise Transacional é um referencial teórico adequado para estes instrumentos.

Palavras-chave: teste projetivo, projeção, percepção, Psicanálise, Análise Transacional.

Os testes projetivos em uma perspectiva não-psicanalítica

Muitos questionamentos poderiam ser feitos aos testes projetivos, dentre eles o seguinte: qual(is) seria(m) a(s) teoria(s) de personalidade mais apropriada(s) para embasar estes instrumentos? Numa reflexão crítica acerca dos testes projetivos, pretendemos retomar o conceito de projeção, relacionando-o aos testes projetivos e ao constructo personalidade.

O que são testes projetivos? Este termo foi formulado por Frank em 1939 para definir aqueles procedimentos para o estudo da personalidade que apresentam como situação-

estímulo algo pouco estruturado e mal definido, vago e impreciso, que não tenha um significado estabelecido pela opinião do experimentador e ao qual o sujeito possa imprimir um sentido particular. (apud Van Kolck, 1975, p.255)

Façamos uma breve revisão do contexto teórico em que são utilizados os testes projetivos, particularmente o Psicodiagnóstico de Rorschach, um dos mais difundidos na avaliação da personalidade. Os testes projetivos são, tradicionalmente, associados à Psicanálise. Esta associação se explica pelo entendimento de que o principal mecanismo psicológico envolvido na resposta aos testes projetivos é a projeção; esta é conceituada, de acordo com a formulação freudiana mais estrita, como um mecanismo de defesa do psiquismo. Apesar da vinculação entre teste projetivo e Psicanálise, constatamos que teóricos de orientação não-psicanalítica-de correntes como a Fenomenologia, a Comportamental, a Cognitivo-comportamental e a Análise Transacional - estudam e utilizam os testes projetivos, principalmente o Psicodiagnóstico de Rorschach.

Em relação a este último teste uma constatação, no mínimo, intrigante, nos chamou a atenção. A expansão do Psicodiagnóstico de Rorschach nos Estados Unidos é um exemplo especial dessa diversidade de linhas teóricas, pois com essa difusão se desenvolveram, nada mais, nada menos, que cinco sistemas para a aplicação e a interpretação desse teste. Os primeiros a sistematizarem o Psicodiagnóstico de Rorschach nos Estados Unidos, em meados de 1930, foram Beck e Hertz, ambos de orientação comportamental, o que não os impediu de desenvolver sistemas próprios para o Rorschach. Aproximadamente na mesma época Klopfer, cuja orientação é a Fenomenologia, deixou a Alemanha fugindo do nazismo, sendo acolhido na Universidade de Columbia, onde elaborou o terceiro sistema de interpretação do Rorschach.

Piotrowski formulou nos Estados Unidos o quarto sistema para interpretar o Psicodiagnóstico de Rorschach; sua ênfase nas descrições comportamentais opunha-se ao enfoque mais teórico de Klopfer. O quinto sistema, afinal, formulado por Rapaport & Schafer, é o único claramente apoiado na interpretação psicanalítica dos dados obtidos mediante a aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach.

Mais recentemente, John Exner publicou, em 1974, seu Sistema Compreensivo, adotando como linha teórica a Cognitivo-comportamental. Exner salientou, em sua obra, a situação caótica que reina quanto aos métodos de aplicação, codificação e quanto aos postulados de interpretação do teste, em decorrência da variação entre os cinco sistemas de Rorschach já mencionados. Para superar o que o próprio Exner chama de "Torre de Babel", ele selecionou, de início, os elementos que lhe pareceram oferecer maiores vantagens em cada um dos cinco sistemas. Acrescentou, também, componentes baseados em investigações mais atuais sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach. O Sistema Compreensivo resultante desse trabalho de integração é, atualmente, o mais amplamente ensinado, pelo menos nos Estados Unidos.

As considerações feitas a respeito da utilização prática do Psicodiagnóstico de Rorschach tornam evidente a desordem que impera quanto a sua fundamentação teórica. O assunto nos parece, mesmo, contraditório, suscitando a seguinte questão: como explicar que um teste como o Psicodiagnóstico de Rorschach, presumivelmente elaborado com base na Psicanálise, seja estudado por autores de linhas teóricas não-psicanalíticas? A questão que propomos no início do artigo poderia, então, ser assim

desmembrada: *Seria a Psicanálise a única teoria de personalidade adequada para a interpretação dos testes projetivos? Seria possível utilizar outros referenciais teóricos na interpretação dos testes projetivos?*

Pretendemos, neste estudo, tentar responder a estas questões elegendo o Psicodiagnóstico de Rorschach como o mais representativo dos testes projetivos, o que permitirá restringir o campo de trabalho.

Sobre a mudança na posição teórica de Hermann Rorschach

Acreditamos que a explicação para a diversidade de enfoques teóricos vinculados ao Psicodiagnóstico de Rorschach reside, em parte, no fato de que o autor do teste dispôs de pouco tempo para desenvolvê-lo. Herman Rorschach, contemporâneo de Freud, foi um psiquiatra que sofreu forte influência do movimento psicanalítico emergente na época em que elaborou o seu Psicodiagnóstico. Ele elaborou as pranchas do teste em 1918 e terminou o livro sobre o método correspondente ao teste em 1919. Sua morte ocorreu em 1922, pouco após a publicação, em 1921, do seu livro "Psicodiagnóstico."

Além desse livro, o único material de que dispomos sobre o pensamento de Rorschach em relação ao teste é a transcrição de uma conferência realizada em 18 de fevereiro de 1922, perante a Sociedade Psicanalítica Suíça. Trata-se de uma análise às cegas do protocolo de um indivíduo em tratamento psicanalítico com seu amigo Oberholzer. Este texto foi acrescentado pelo próprio Oberholzer às edições posteriores do "Psicodiagnóstico."

Em sua obra "Psicodiagnóstico", Rorschach menciona, tangencialmente, alguns conceitos psicanalíticos como inconsciente, regressão e fixação. Considera, porém, claramente, nessa obra, que o seu teste não se propõe a investigar conteúdos inconscientes do psiquismo, não constituindo um "método de penetração no inconsciente" (Rorschach, 1921/1974, p.130). Afirma, ainda, que o seu Psicodiagnóstico se afasta de outros métodos psicanalíticos como a interpretação dos sonhos e as provas de associação livre. Para Rorschach, esse afastamento é compreensível visto que a prova

... não suscita uma criação livre, tendo como ponto de partida o inconsciente mas que, ao contrário, exige uma adaptação a determinados estímulos externos, uma atuação da 'fonction du réel'". (p.130)

A ênfase, inicialmente atribuída por Rorschach aos elementos perceptivos do teste, levou este autor a dar pouca importância à análise de conteúdo que poderia, talvez, "revelar, uma vez ou outra, certas tendências do inconsciente" (p.130). Nesse momento, destacar-se-ia, para Rorschach, o mecanismo de percepção na formação das respostas; a projeção seria estimulada de forma apenas secundária.

Surpreendentemente, constatamos uma nítida mudança de enfoque entre a formulação do Psicodiagnóstico, em 1919, e a realização da conferência, em 1922: o enfoque, anteriormente psiquiátrico (e perceptivo), se torna psicanalítico (e projetivo).

Ao classificar os determinantes de forma, cor e movimento, Rorschach (1921/1974) afirma no texto de sua conferência: (1) as respostas de forma representariam as funções

conscientes, indicando a "acuidade dos processos associativos... da persistência da atenção e da capacidade de concentração". (p.228); e (2) as respostas de movimento e de cor, por estarem mais próximas do inconsciente, indicariam, respectivamente, "as expectativas fundamentais do indivíduo" (p.239) e "os conteúdos latentes do psiquismo" (idem).

Houve, como é evidente, uma mudança de perspectiva. Agora, para Rorschach, o processo dominante na resposta ao teste projetivo não é mais a percepção, mas a projeção em sua acepção psicanalítica; acentua-se, então, a importância atribuída pelo autor à análise de conteúdo. Convém destacar que a ênfase nos aspectos projetivos do Psicodiagnóstico de Rorschach pode ter sido responsável, em parte, pela acentuada expansão de seu uso, assim como dos outros testes projetivos, coincidindo com o auge do movimento psicanalítico.

O enfoque cognitivo: o Sistema Compreensivo de John Exner

Em seu instigante artigo "Procurando a projeção no Rorschach", Exner (1985) retoma a discussão a respeito dos mecanismos psicológicos envolvidos na resposta aos testes projetivos. Exner, nesse artigo, assinala o acentuado desacordo que reina, até hoje, a respeito do conceito de projeção em sua correspondência com os testes projetivos. Este autor identifica duas acepções para o termo projeção:

- (1) projeção em seu papel defensivo dentro de um referencial teórico psicanalítico; e
- (2) projeção em um sentido mais amplo como "processo que revela informação sobre a personalidade" (p.521).

O segundo conceito de projeção foi considerado por Exner, opinião com a qual concordamos¹, como o que de fato corresponde à expressão "teste projetivo". O desgaste e a conotação múltipla atribuída à expressão "teste projetivo", porém, indicam que ela deveria ser substituída por uma denominação menos dúbia. Nesse sentido, Murray, já em 1951, assinalou (o que também é referido no artigo "Procurando a projeção no Rorschach", de Exner, 1989):

Se o termo (projeção) é usado para denotar todas as formas de expressão... então devemos encontrar uma nova palavra para designar o processo de projeção... Se a projeção significa tudo, ela nada significa (apud Exner, 1989, p.552).

Ainda nesse artigo Exner (1985) analisou o processo de resposta ao Rorschach do ponto de vista dos mecanismos psicológicos nele envolvidos. Este autor concluiu que o processo de resposta inclui três fases interdependentes, que se sucederiam depois que o sujeito é solicitado a dizer o que as manchas do teste poderiam ser: (1) Fase I - classificação das manchas em respostas potenciais; (2) Fase II - descarte de respostas potenciais; e (3) Fase III - seleção final e articulação das respostas. Segundo Exner, as três fases do processo de resposta ao Rorschach são, predominantemente, de cunho cognitivo, sendo as respostas projetivas pouco usuais.

O enfoque projetivo: a perspectiva psicanalítica

Mais recentemente, Willock (1992) e Aronow, Reznikoff & Moreland (1995), teóricos de orientação psicodinâmica, fizeram duas ressalvas à posição adotada por Exner em seu Sistema Compreensivo. A primeira remete ao que consideram como uma ênfase excessiva desse último autor no mecanismo de percepção como principal responsável pelas respostas aos testes projetivos; este enfoque levaria os especialistas no Psicodiagnóstico de Rorschach a subestimar a importância da análise de conteúdo na interpretação do teste. A segunda restrição refere-se à pouca importância atribuída por Exner ao processo de projeção enquanto constitutivo dessas respostas.

Aronow & cols. (1995) utilizam a distinção proposta por Allport (1961) entre a perspectiva idiográfica (caracterizada pelo estudo das qualidades singulares do indivíduo) e a nomotética (com ênfase na descoberta de leis gerais) para defender a sua opinião. Para estes autores, a perspectiva nomotética coincidiria com a ênfase nos elementos perceptivos do teste; daí resultaria uma maior importância dos aspectos relacionados a como o indivíduo percebe, conforme revelado no Psicodiagnóstico de Rorschach. Por outro lado, a perspectiva idiográfica estaria orientada para o que o indivíduo percebe; focalizaria, então, os aspectos inconscientes do funcionamento mental, destacando-se aí a projeção, em seu sentido defensivo, como determinante das respostas aos testes projetivos.

Para Aronow & cols. (1995), enfim, o próprio Rorschach se direcionou, como é corroborado pela sua conferência publicada postumamente, para uma perspectiva idiográfica-projetiva. Defendem, assim, a importância da "análise de conteúdo e das verbalizações que a acompanham como forma de penetrar no mundo singular de cada indivíduo, particularmente em relação ao seu autoconceito" (p.215-216).

Conclusão

Quanto aos mecanismos psicológicos implicados na resposta aos testes projetivos, concordamos com as posições de Exner (1980, 1989) e Augras (1977), dentre outros. Consideramos que, na situação de teste projetivo, estariam atuando os processos perceptual e cognitivo e, em menor grau, o projetivo. Este último mecanismo seria entendido em seu sentido amplo e não necessariamente defensivo. Concordamos, assim, com a opinião de Exner (1980) de que a "elaboração de uma resposta frente a um estímulo ambíguo é um processo tanto perceptual como cognitivo" (p.13).

Aliás, o desgaste da expressão "teste projetivo", que pressupõe a predominância do mecanismo de projeção, nos leva a questionar a adequação dessa denominação. Consideramos, em consonância com vários outros autores (Anderson, 1951; Augras, 1977; Exner, 1989), que o Psicodiagnóstico de Rorschach, como outros testes projetivos, deveria ser classificado como uma prova de percepção. Esta designação seria um retorno à formulação original de H. Rorschach (1921/1974), que assim designa o seu teste em seu "Psicodiagnóstico".

E afinal, como *poderíamos relacionar teste projetivo e teoria da personalidade? Seria a Psicanálise*, por se tratar do referencial teórico final endossado por H. Rorschach ao elaborar o seu teste, *a única ou mesmo a melhor teoria para embasar os testes projetivos em geral?*

Parece-nos ser ponto pacífico que os testes projetivos, aí incluído o Psicodiagnóstico de Rorschach, foram elaborados tendo como pano de fundo a Psicanálise. A morte prematura de H. Rorschach, aos 37 anos, impediu-o de formular uma teoria global do teste. Este autor se limitou a propor postulados relativos à forma, cor, movimento e sombreado, que foram desenvolvidos por seus seguidores.

Lembremos, porém, que apesar de a elaboração do Psicodiagnóstico de Rorschach ter sido direcionada pelo seu autor para uma perspectiva psicanalítica, teóricos de outras linhas, anteriormente citadas, utilizam esse teste na avaliação da personalidade. Como a proposta original de Rorschach, publicada em seu "Psicodiagnóstico" (1921/1924), pouco tem de psicanalítica, estes teóricos poderiam justificar o seu ponto de vista alegando uma adesão às formulações originais sobre o teste.

Uma alternativa à Psicanálise para embasar teoricamente os testes projetivos seria a Análise Transacional. Essa teoria, formulada por Berne em 1959, parece-nos uma das mais coerentes com alguns aspectos relativos a esses testes e que julgamos essenciais, quais sejam:

(1) Ênfase nos determinantes conscientes do comportamento; a Análise Transacional propõe que a maioria de seus conceitos se situa em nível não-consciente, mas não inconsciente, sendo mais fáceis de se recuperar do que os aspectos inconscientes. Estes conceitos estariam em uma zona à qual a pessoa não tem completo acesso, mas que pode passar a perceber e que corresponderia ao que Freud considerou, na primeira tópica, o subconsciente.

(2) Adoção de uma posição intermediária no eixo idiográfico-nomotético, o que nos levaria a compreender os aspectos idiográficos de cada indivíduo em função de diferenças individuais na padronização de variáveis comuns ou gerais. Nesse sentido, a teoria de personalidade formulada por Berne afirma que seus aspectos conceituais incidiriam em todas as pessoas, mas com várias combinações possíveis; estas combinações, aliadas às variações da experiência, resultariam nas peculiaridades próprias de cada indivíduo.

(3) Aceitação dos princípios holísticos, segundo os quais o comportamento só seria compreensível enquanto inserido em um contexto global. Quanto a esse aspecto, a Análise Transacional percebe cada ser humano como uma unidade total, que vivencia as emoções de acordo com suas estruturas neurológicas e fontes emissores de estímulos (contexto social).

Consideramos que a utilização da Análise Transacional como substrato teórico para a interpretação dos testes projetivos também é oportuna por sua opinião quanto à natureza humana. Conforme assevera Steiner (1974/1976)

... os seres humanos seriam, por natureza, inclinados e capazes de viver em harmonia consigo mesmos, uns com os outros e com a natureza (p.16).

Isso leva os analistas transacionais a terem, como uma das premissas básicas de sua teoria o conceito de que "todo mundo nasce ok".

Isso leva os analistas transacionais a terem, como uma das premissas básicas de sua teoria, o conceito de que todo mundo nasce "ok".

Para Berne (apud Steiner, 1974/1976, p.15) todas as pessoas nascem "ok", ou seja, à exceção de possíveis problemas genéticos (por exemplo, Síndrome de Down), todas as pessoas têm, no momento de seu nascimento, todas as capacidades e potencialidades para se tornarem um ser humano plenamente apto. É famosa no contexto da Análise Transacional a alegoria segundo a qual todos nascem príncipes, mas depois o meio ambiente - sobretudo os pais e a família - faz com que os príncipes passem a se julgar e a se comportar como sapos. O objetivo da psicoterapia não seria transformar os sapos em príncipes, mas fazer com que os príncipes que se comportam como sapos se percebam como príncipes que são.

Seria conveniente lembrar que Berne é um otimista, insere-se com outros teóricos como Erikson, Rogers, Laing e outros numa visão otimista do homem. Sua posição contraria o modelo psicanalítico do conflito, cuja visão pessimista tem suas raízes num espírito de época do século XIX.

Em Análise Transacional, então, o objetivo da psicoterapia é conseguir que o indivíduo alcance a autonomia e reconquiste o estado de "okeidade". O que significa autonomia? Segundo James e Jongeward (1983), em "Nascido para vencer"

ser autônomo significa governar a si mesmo, determinar seu próprio destino, assumir a responsabilidade por suas ações e sentimentos e desfazer-se de padrões irrelevantes e inadequados para viver no aqui e agora (p.263).

O fato de se atingir a autonomia pode ser constatado pela manifestação de três capacidades, todas conceituadas especificamente por Berne: consciência, espontaneidade e intimidade.

Resumidamente, consciência é o conhecimento do que está acontecendo aqui e agora, sem contaminações dos Estados do Eu; o indivíduo então "percebe o mundo através de seu próprio contato com ele em vez de vê-lo conforme lhe foi ensinado". Isso implica ouvir as mensagens do próprio corpo, ouvir os outros e apresentar integração entre corpo e mente. Segundo as autoras anteriormente mencionadas, a pessoa consciente nesse sentido

não diz palavras cheias de raiva com um sorriso nos lábios, não franze o cenho quando a situação exige um sorriso, não fica escrevendo mentalmente uma carta de negócios quando faz amor... (p.264)

Espontaneidade é a liberdade de escolher no espectro completo de comportamentos e sentimentos dos Estados do Eu (Pai, Adulto, Criança). A espontaneidade leva o indivíduo a ser flexível, responsável por sua escolha e a tomar as suas próprias decisões.

Intimidade é a expressão dos sentimentos de calor, ternura e proximidade da Criança Livre em relação aos outros.

Kertész & Induni (1977), ao falarem sobre os critérios de alta em Análise Transacional, enfatizam a importância de que o cliente demonstre capacidade de intimidade (expressar e compartilhar emoções autênticas), espontaneidade (Criança Livre) e consciência das coisas no aqui e agora. Para compreendermos melhor esses pontos, seria oportuna uma breve digressão sobre os conceitos básicos de Análise Transacional, também chamados

instrumentos da Análise Transacional. As formulações teóricas de Berne e seus seguidores foram organizadas por Kertész & Induni (1977) sob a forma de instrumentos que permitem a análise, o diagnóstico e a intervenção nas várias situações vitais.

A análise estrutural (de 1ª ordem) em Análise Transacional aborda a personalidade como sendo constituída por três Estados do Eu: Pai (P), Adulto (A) e Criança (C), que se expressam por comportamentos visíveis e não são constructos hipotéticos.

Estado do Eu é um sistema de pensamentos, sentimentos e emoções que se expressam por meio de pautas de conduta. Berne (1972) chamou de Estado do Eu Pai aquele sistema que é formado pelas normas internalizadas a partir das influências parentais e culturais; o Pai corresponde àqueles conceitos "ensinados": O Estado do Eu Adulto é um sistema de processamento de dados do aqui e agora; é o "computador" da personalidade, que fornece critério de realidade e corresponde àquilo que é "pensado". O Estado do Eu Criança é um sistema que engloba as emoções, sensações, processos e aspectos biológicos e corporais, correspondendo ao que é "sentido" pelo indivíduo.

Uma análise de 2ª ordem dos Estados do Eu mostra que o Estado do Eu Pai apresenta dois aspectos: (a) Pai Crítico (PC), evidenciado por comportamentos firmes, pelo estabelecimento de ordens, limites (PC positivo) ou por preconceitos e autoritarismo (PC negativo ou Pai Perseguidor); (b) Pai Nutritivo (PN), que se destaca por condutas afetivas, nutritivas, permissivas (Pai Nutritivo positivo) e superprotetoras (Pai Salvador)

Já o Estado do Eu Criança se subdivide em Criança Livre (CL), que se manifesta de forma autêntica, espontânea, criativa (CL positiva), ou egoísta e manipuladora (CL negativa). Por meio da Criança Adaptada (CA) o indivíduo responde automaticamente a disciplinas e rotinas apropriadas, podendo se expressar de forma submissa, desvalorizada, temerosa (Criança Submissa ou CS) ou de forma rebelde, desafiante e hostil (Criança Rebelde ou CR).

A Transação é a unidade básica do comportamento na teoria da AT. Constitui a linha efetiva de comunicação entre os Estados do Eu Pai, Adulto e Criança de duas pessoas e determina se a comunicação provavelmente continuará, cessará ou terá aspectos ocultos, sendo a base dos Jogos Psicológicos. Para Berne (1972, p.37) as Transações entre pessoas ocorrem de modo que elas possam estruturar o seu tempo, já que "a maioria das pessoas fica muito aborrecida ao enfrentar um período de tempo não estruturado". As diversas formas de estruturar o tempo podem ser assim listadas, em função da quantidade de Carícias que propiciam: Isolamento, Ritual, Atividade, Passatempo, Jogo Psicológico e Intimidade.

Em Análise Transacional Carícia pode ser definida como o "estímulo intencional dirigido de uma pessoa a outra" (Kertész & Induni, 1977, p.69), seja físico, verbal, gestual ou escrito. Segundo a teoria da AT, a necessidade de Carícias é considerada a motivação básica de qualquer interação social humana, sendo indispensável ao funcionamento saudável do indivíduo. Apesar de a palavra ter, em nossa língua, um sentido positivo, a Carícia ("Stroke") pode ser positiva (um beijo, um elogio) ou negativa (uma bofetada, uma crítica)

O conceito que cada indivíduo tem de si mesmo e dos demais configura a Posição Existencial (P.E). A escolha da P.E. é feita pelo indivíduo, geralmente antes dos oito

anos de idade, com base nas reações das figuras parentais à expressão inicial dos sentimentos e necessidades da criança e é o principal componente do Script de vida do indivíduo.

O Script (ou argumento) é um "plano preconsciente de vida, decidido antes dos 14 anos, sob a influência parental, que dirige a conduta do indivíduo nos aspectos mais importantes de sua vida" (Berne, 1972, p.41). O Script é desenvolvido a partir das mensagens parentais que a criança decide aceitar, internalizando-as. Essas mensagens são denominadas Mandatos - O QUE o indivíduo deve fazer para cumprir o Script. Para contrabalançar os Mandatos que os progenitores "gravam" involuntariamente na mente dos filhos, os pais emitem mensagens contra-argumentais verbais, socialmente edificantes, denominadas Compulsões. As mensagens contra-argumentais foram observadas por Kahler (1974, p.15) em inúmeras sessões de psicoterapia e eles as classificou em cinco categorias de Compulsões: Seja Perfeito, Seja Forte, Seja Apressado, Agrade Sempre e Seja Esforçado.

Para English (1971, p.21) Racket ou Disfarce é "uma emoção ou conduta inadequada, patológica, fomentada pelos pais ou substitutos na infância, que substitui uma emoção autêntica não permitida, que não obtinha carícias ou foi proibida". São Disfarces: depressão, culpa, ansiedade, ciúme, confusão, vergonha, por exemplo.

As Emoções Autênticas originam-se no Estado do Eu Criança Livre (CL) e são: alegria e afeto, correspondendo ao estímulo prazeroso, e medo, raiva, tristeza, correspondendo ao estímulo desprazeroso. A Emoção Autêntica se diferencia do Disfarce por ser adequada ao estímulo e apropriada em termos de proporção.

A consequência lógica de uma teoria segundo a qual "todo mundo nasce ok" e que sublinha a possibilidade de recuperação dessa "okeidade" inerente ao indivíduo é a ênfase, tanto no psicodiagnóstico como na psicoterapia, nos aspectos positivos da personalidade.

De forma coerente com essa opinião, Isabel Adrados (1980), renomada especialista em testes projetivos, afirma que todo indivíduo dispõe de recursos positivos, por maior que seja o seu comprometimento emocional ou mental. Estes recursos deveriam ser investigados de modo a se encontrar uma posição mais sadia (mais "ok") do indivíduo.

Da aceitação do conceito de "okeidade" decorre, igualmente, a possibilidade de uma leitura, digamos, mais quantitativa e objetiva do teste projetivo, com uma avaliação da incidência de variáveis. Alguns teóricos e estudiosos da Análise Transacional, em geral, têm trabalhado nesse aspecto quantitativo. Este é o caso de Dusay (1977), que elaborou o "egograma" - um instrumento de avaliação da estrutura da personalidade por meio de um gráfico de barras representando os Estados do Eu. É também o caso de Mc Kenna (1974), que desenvolveu um gráfico de "regime de carícias" do indivíduo, para citar apenas dois.

De sua parte, as Autoras do presente artigo têm buscado examinar e pesquisar mais detidamente esse aspecto. As Autoras (1992) procuraram validar o Teste de Zulliger à luz da Análise Transacional. Os resultados sugerem que a Análise Transacional é uma teoria adequada como referencial para os chamados testes projetivos².

Foi, assim, endossada empiricamente a opinião de Adrados (1980) de que os testes projetivos podem ser interpretados por meio da Análise Transaccional, pois

... essa teoria, com todas as suas premissas e conseqüências, nos parece cada vez mais válida, especialmente quando a comparamos com a técnica de Rorschach; isto é, podemos perfeitamente explicar grande parte dos conceitos e variáveis do Rorschach, dinamicamente, à luz dos princípios, das premissas e da teoria da Análise Transaccional... (p.34).

Referências Bibliográficas

- ADRADOS, I. (1980) *Manual de psicodiagnóstico e diagnóstico diferencial*. Petrópolis: Vozes.
- ALLPORT, G.W. (1961) *Pattern and growth in personality*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- ANDERSON, H.H. & ANDERSON, G.L. (1951). *An introduction to projective techniques*. New York: Prentice Hall.
- ARONOW, E.; REZNIKOFF, M. & MORELAND, K.L. (1995). *The Rorschach: projective technique or psychometric test?* *Journal of Personality Assessment*, 63(2), 229-234.
- AUGRAS, M. (1977) *Quest for projection in the Rorschach test: the Hunting of the Snak* (texto mimeografado).
- _____ (1978) *O Ser da compreensão*. Petrópolis: Vozes.
- BERNE, E. (1985) *Análise Transaccional em Psicoterapia* (L.H.C.Zaboto, Trad.) São Paulo : Summus Editorial (originalmente publicado em inglês, em 1961)
- _____ (1972) *What do you say after you say hello?* New York: Grove Press.
- BUNCHAFT, G. (1996). *O conceito de projeção e sua relação com os testes projetivos*. *Revista do Círculo Brasileiro de Psicanálise*, 3, 22-27.
- DUSAY, J. (1977) . *Egograms*. New York: Harper and Row.
- ENGLISH, F. (1971). *The Substitution Factor: Rackets and Real Feelings*. *Journal of Transaccional Analysis*, 1, 4.
- EXNER, JR, J. (1980) *Sistema comprensivo del Rorschach* (C.V. Guarch, Trad.) Madrid: Pablo del Rio (originalmente publicado em inglês, em 1974).
- _____ (1989) *Searching for projection in the Rorschach*. *Journal of Personality Assessment*, 53(3), 520-536.
- FRANK, L.K. (1939) *Projective methods*. Springfield: Thomas.
- FREUD, S. (1992). *Toten y tabu*. *Obras Completas - Tomo II* (L.P. Ballesteros e de Torres, Trad.). Madrid: Biblioteca Nueva (originalmente publicado em alemão, em 1912)
- KAHLER, T. & CAPERS, H. (1974). *The Miniscript*. *Journal of Transaccional Analysis*, 4(1), 26 - 42.
- JAMES, M. & JONGEWARD. D. (1983). *Nascido para vencer*. *Análise Transaccional com experiências Gestalt* (M.E. Paiva, Trad.) São Paulo: Editora Brasiliense (originalmente publicado em inglês, em 1975)
- KERTÉSZ, R. & INDUNI, G. (1977). *Manual de Análisis Transaccional*. Buenos Aires: Conantal.
- McKENNA, J. (1974). *Stroking Profile*. *Transactional Analysis Journal*, 4(4).
- RITZLER, B. (1995) *Putting your eggs in content analysis basket: a response to Aronow, Reznikoff and Moreland*. *Journal of Personality Assessment*, 64(2), 229-234.
- RORSCHACH, H. (1974) *Psicodiagnóstico* (M.S. de Villemor Amaral, Trad.) São

Paulo: Mestre Jou (originalmente publicado em alemão, em 1921)
STEINER, C. (1976) Os papéis que vivemos na vida. (G. Schlessinger, Trad.) Rio de Janeiro: Artenova (originalmente publicado em inglês, em 1974).
TAVARES, A.L. da Rocha; BUNCHAFT, G. & VASCONCELLOS, V.L.P. (1992) Validação do Zulliger no contexto da Análise Transacional. Revista Brasileira de Análise Transacional, III (1), 24-33.
VAN KOLCK, O.L. (1975) Técnicas de exame psicológico e suas aplicações no Brasil. Petrópolis: Vozes.
WILLOCK, B. (1992) Projection, transational phenomena and the Rorschach. Journal of Personality Assessment, 59(1), 99-116.